



Discussão 20

Uma avaliação diferente: como, quando e por quê



No Capítulo 20 da História do Pequeno Reino

O último capítulo de nossa história mostra que, mesmo nas terras do velho Bruxo, não se faz mais apenas dar aulas, e até lá os pequenos Súditos começam a ter espaço para brincar, dançar e dramatizar, para inventar histórias e poesias, definir seus projetos, para dialogar entre si e com pequenos Súditos pelo planeta afora. Esse dia a dia cada vez mais diversificado e divertido dá origem a resultados de aprendizagem surpreendentes.



Uma proposta pedagógica não pode ser considerada completa se não fizer uma reflexão sobre o que deve ser avaliado, como, quando e, principalmente, por quê.

As ideias apresentadas nesta última discussão falam sobre caminhos para registrar e avaliar os progressos nas aprendizagens. Isso é especialmente importante no nosso caso, pois é comum que propostas pedagógicas que insistem sobre a importância de deixar que as crianças brinquem muito encontrem dificuldades para convencer os outros de sua eficiência educativa.

Nossa convicção é que uma proposta "divertida" pode conseguir resultados educativos excelentes, melhores e mais amplos do que os alcançados pelas propostas "tradicionais", que impõem o silêncio, a imobilidade e programas pré-fabricados.

Para podermos ter provas desses resultados, o passo mais importante é libertar-se de concepções que reduzem a avaliação escolar apenas a um processo de fazer provas e de dar notas ou conceitos. Essa é a conversa que queremos engajar agora, para concluir a apresentação das 20 discussões que compõem esse grande bloco de nossa proposta pedagógica.



Ideias e Sugestões

Vamos começar falando um pouco sobre a função da avaliação:

Para que serve a avaliação?

O primeiro passo, em uma discussão sobre avaliação, é pensar um pouco sobre a sua função.

O que queremos quando "avaliamos" as crianças? Classificá-las em ordem de "notas" ou contar com mais um instrumento para ajudar cada uma a aprender?

A resposta a essa pergunta vai determinar diferenças profundas na concepção e na aplicação da avaliação.

Primeiro, vamos ver um pedagogo às voltas com a concepção "tradicional" de avaliação:

Makarenko e a criança que levou "zero" e cuspiu sangue

Em seu livro sobre Makarenko (de quem contamos, na Discussão 17, a história do "tabefe"), René Capriles nos fala do começo da carreira do grande educador, quando ele era um professor de escola. Veja seu relato:



Makarenko decidiu, no último trimestre de 1908, realizar uma experiência singular: avaliar a capacidade de assimilação de cada um de seus alunos, mediante um sistema de pontuação elaborado por ele.

Após distribuir uma série de folhas contendo as questões a serem respondidas, avaliou e qualificou como o mais atrasado nos estudos um menino de 10 anos, parco e pouco comunicativo, chamado Alexei.

A reação do menino iria transformar a vida de Makarenko:

Alexei, ao ser informado de que era o "pior da turma", teve de pronto um ataque de depressão, que se manifestou, também, numa crise de tosse, levando-o a vomitar sangue.

Makarenko foi então se informar e descobriu que o menino, além de viver em condições miseráveis, tinha tuberculose. Segundo Capriles:

Anton Semiónovitch (Makarenko) ficou perturbado, nervoso e possuído por um agudo conflito interior, passando a reconsiderar tudo aquilo que tinha assimilado no contato com os educandos.¹

Nunca mais se ouviu falar de Makarenko aplicando "provas", "dando notas" e classificando alunos em "melhores" e "atrasados"...



Makarenko aprendeu, de maneira radical, que a avaliação que é usada para classificar as crianças pode não fazer muito bem para aqueles que ficam "por último".

Mesmo que suas experiências não tenham sido tão extremas, talvez você se lembre da sensação de tirar uma nota baixa, ou de como eram vistos aqueles que ficavam "por último", quase sempre as crianças de origem mais humilde ou "bagunceiras", não é mesmo?

Talvez, naquela época ou hoje, você até tenha pensado algo como:

"Como pode uma escola que quer educar a todos usar um sistema de avaliação que, pela sua própria natureza, divide-os em melhores e piores?"

Pois bem, você não foi a única pessoa a fazer essa pergunta:

Um sujeito de direita nem tão de direita assim

O norte-americano Benjamin S. Bloom (1913-1999) não é muito "bem-visto" no Brasil, pois seu nome ficou associado ao excessivo tecnicismo da sua "Pedagogia por objetivos". Mas, ao consultar textos seus, encontramos ideias fundamentais sobre a avaliação e seu papel.

Por exemplo, em 1976, Bloom afirmava:

*Se os homens nascem iguais e podem se tornar iguais em relação à aprendizagem, o lar e a escola têm responsabilidade muito maior do que assumiram no passado. **Se a igualdade de aprendizagens é possível, a função seletiva das escolas deve ser esquecida** em favor de funções de desenvolvimento que as escolas devem perseguir de modo crescente.²*

Em outras palavras: na educação elementar, a avaliação não pode mais servir para selecionar "quem passa e quem reprova", e para dividir a turma numa maioria de alunos "médios", cercada por uma minoria de "melhores" e outra de "piores" do que a média.

Mas, então, para que deve servir a avaliação? Para Bloom, **a escola democrática precisa ter como objetivo que todas as crianças aprendam**. Para isso, pode ser que a escola precise:

Em vez de propiciar tratamento idêntico para todas as crianças, desenvolver processos que envolvam a desigualdade de tratamento... se as crianças tiverem que chegar a resultados iguais em termos de aprendizagem.³

É aqui que entra a avaliação, que deve nos ajudar a entender melhor cada criança e nos auxiliar em uma tarefa fundamental:

Oferecer a todos os alunos experiências de aprendizagem frutuosas, para desenvolver suas ideias e sua personalidade.⁴

A implicação das ideias de Bloom são muito claras:

1. René Capriles. *Makarenko, o nascimento da pedagogia socialista*. São Paulo: Scipione, 1989, página 55.

2. Benjamim S. Bloom. *Características humanas e aprendizagem escolar*. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1981, página 215.

3. Idem, página 221.

4. Traduzido da versão francesa: Benjamim S. Bloom *Apprendre pour maîtriser*. Lausanne: Payot, 1972, página. 11.



A avaliação deve servir para nos ajudar a atingir o objetivo de que todas as crianças tenham sucesso.

Bloom afirma que o modo tradicional de avaliar, que simplesmente "aprova" ou "reprova", não é adequado para essa função e que as coisas deveriam mudar:

O preço desse sistema, que diminui as possibilidades de prosseguir nos estudos e que torna a juventude hostil ao mesmo tempo à escola e à sociedade, é tão alto que ele não poderá mais ser tolerado por muito tempo.⁵

Infelizmente, o conceito tradicional de avaliação, criticado por Bloom, continua predominando em nossas redes escolares de todo o planeta, e até ganhou força no início do século XXI.



Mas o que pode ser feito para mudar os processos de avaliação? Aqui, deixamos um pouco as propostas de Bloom, marcadas por uma concepção ultrapassada de psicologia, e vamos ver também sugestões de outros autores.

Mas as ideias básicas de Benjamin S. Bloom sobre avaliação são importantes, e podem ser facilmente combinadas com uma abordagem muito mais "social e construtivista" que a do próprio Bloom sobre a educação, os processos de aprendizagem e seus objetivos.

Resumindo um princípio fundamental: Quando pensamos sobre avaliação, uma das ideias centrais é que ela deve servir **não para comparar uma criança com as outras**, como acontece no tradicional sistema de notas e boletins, **mas para podermos ajudar cada uma delas**, em função de suas características pessoais e únicas. Ou seja, **cada criança deve aprender a comparar-se consigo mesma...**



O país das pessoas que passavam em provas e não sabiam nada

Com Bloom e muitos outros pensadores da educação, e usando nosso bom senso, percebemos que a avaliação com notas e boletins não é capaz de fazer nada justamente pelas crianças que precisam de mais ajuda, para aprender.

Além disso, ela diminui a confiança dessas crianças, desenvolvendo sentimentos de "inferioridade" nas crianças que mais precisam reconstruir uma auto imagem positiva.

Essa é uma crítica muito séria à avaliação tradicional, mas não é a única. A outra é que esse sistema distorce todo o processo educativo.

Vejamos esse argumento com calma:

A maioria de nós conheceu, na escola, um tipo particular de avaliação, baseada em provas, notas e boletins. Todos nós sabemos que, na escola, a única motivação de muitas crianças para estudar é porque os assuntos "podem cair na prova".

A exigência de "ensinar" matérias pré definidas, muitas vezes de pouco interesse para as crianças, acaba levando qualquer professor a recorrer a ameaças como "Isso pode cair na prova", para conseguir um pouco de atenção.

Aliás, essa é uma característica dos sistemas de educação que vem sendo muito criticada, há muito tempo. Um exemplo interessante é o do físico Richard Feynman, um dos maiores gênios de século XX. Em 1949, ele deu aulas em uma faculdade brasileira e, ao ir embora, fez uma conferência em que declarou:

O principal objetivo de minha conferência é demonstrar que no Brasil não se ensina nenhuma ciência. (...) Não posso compreender como alguém pode ser educado nesse sistema de autotransmissão, em que as pessoas passam em provas e ensinam as outras a passar em provas, mas ninguém sabe nada.⁶

Será que a crítica de Feynman se aplica não apenas a uma faculdade, décadas atrás, mas a todo o sistema de ensino do país, determinado "de cima para baixo" pelo vestibular e por todos os tipos de provas?



Como pensar uma avaliação diferente?

É difícil negar que, pelo menos em boa parte, a escola ainda é um lugar em que as crianças aprendem

5. Benjamim S. Bloom. *Características humanas e aprendizagem escolar*, página 9.

6. Richard Feynman. "Que é ciência"? em: Santos, A. M. N. e Aurette, C. (Org.). *Uma tarde com o sr. Feynman*. Lisboa: Gradiva, 1991, página 37.



superficialmente, para passar nos exames, conhecimentos que serão esquecidos e que nunca serão realmente integrados à sua concepção do mundo.

Distorcendo o processo educativo e incapaz de ajudar quem mais precisa, a avaliação tradicional cede cada vez mais espaço para novas experiências e para uma nova concepção da avaliação na educação elementar.

É sobre isso que vamos falar um pouco, agora:

Não basta criticar o sistema baseado exclusivamente em notas e boletins. É preciso sugerir alternativas que permitam a realização de um trabalho de avaliação organizado.

Vejamos alguns exemplos e sugestões que indicam caminhos para praticar um novo tipo de avaliação:

Um momento histórico – o Natal de Pestalozzi

Para muita gente, a pedagogia moderna nasceu com o suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827). Apesar de viver no século XVIII e de ter concepções que guardam a marca de sua época, Pestalozzi fundou e conduziu, por décadas, institutos em que, sob a influência do pensamento de Rousseau, muitas ideias revolucionárias em educação foram praticadas pela primeira vez na Europa.

Para nos ajudar a refletir sobre "avaliação", vamos encontrar Pestalozzi em seu famoso instituto de Yverdon, na Suíça, no final de 1808. Um professor do Instituto faz um relato de grande interesse para nós. Veja o que acontecia quando as festas de fim de ano se aproximavam:

O final do ano era empregado para fazer os cadernos do Ano Novo, que cada aluno enviava a seus pais, e nos quais estavam reunidos cuidadosamente desenhos, cartas geográficas, problemas matemáticos, narrativas de histórias, descrições de história natural e composições literárias.⁷

Aí está uma boa ideia: **as próprias crianças** – alunos internos de Yverdon – **selecionavam suas melhores produções**, para mandar para casa.

Será que essa não é uma maneira de avaliar seu desempenho? Ao selecionar materiais e criar suas pastas, essas crianças não estavam fazendo uma avaliação diferente? É claro que sim!



Vamos ver como, em uma proposta contemporânea, uma ideia muito parecida é sugerida, para renovar as práticas de avaliação na escola elementar:

Uma ideia simples e profunda – uma "pasta" para cada criança

Em um livro publicado em 1996, a norte-americana Lisbeth Dixon-Krauss apresenta uma proposta para o trabalho com a linguagem escrita, baseada nas ideias de Vigotski. O interessante é que ela demonstra que o principal instrumento de avaliação podem ser os "**portfólios**", espécies de arquivos, ou "pastas", com exemplos das atividades das crianças ao longo do tempo. Para ela:

*O uso de "portfólios" implica uma visão dinâmica da avaliação, incorporando a crença de que a aprendizagem é mais ricamente e precisamente retratada por **múltiplas fontes de evidência coletadas ao longo do tempo em situações relevantes**.⁸*

Mas o que são as "múltiplas fontes de evidência"? Elas podem ser, por exemplo:

- Desenhos.
- Tentativas de escrita.
- Pequenos textos contando coisas que a criança fez, selecionados em meio às atividades normais da sala.
- Etc.

E quais são as "situações relevantes" de que nos fala a professora-pesquisadora americana?

Em vez de haver apenas momentos de avaliação especiais, as "provas", todas as situações do dia a dia podem ser interessantes para "avaliar" uma criança. Assim, toda vez que uma criança apresentar um comportamento "digno de nota", você pode anotá-lo em uma ficha da criança, ou recolher uma amostra do trabalho infantil. Se, por exemplo, a mãe nos mostra uma folha em que a criança tentou escrever, você pode anotar a data e colocá-la na pasta dessa criança.

E quais são os comportamentos "dignos de nota"? Vejamos alguns exemplos:

7. Tradução de um relato de Roger de Guimps, citado em: Michel Söetard. *Pestalozzi*. Paris: P.U.F., 1995, página 104.

8. Traduzido de: Lisbeth Dixon-Krauss. *Vigotski in the classroom: mediated literacy instruction and assessment*. Nova Iorque: Longman, 1996, página 163.



- Vale a pena ser assinalado se uma criança, pela primeira vez, pega sozinha um livro para "brincar de ler".
- Se alguém fez um desenho especialmente belo, ele pode ser arquivado na sua pasta, depois de ficar exposto algum tempo nas paredes da sala.
- Se a criança participa ativamente da criação de uma história, pode ser interessante assinalar isso, descrevendo a atividade, marcando a data.
- Etc.

Esses são apenas alguns exemplos de comportamentos interessantes das crianças, que irão engordar a sua "pasta".

A comparação entre materiais produzidos ao longo do tempo ajuda a ter uma perspectiva sobre a evolução de cada criança. Será que, por exemplo, um desenho feito no começo do ano vai ser igual a desenhos feitos alguns meses depois? E as tentativas de escrever, será que vão estar iguais no começo e no meio do ano?



Prestar atenção mais aos acertos e às "coisas bacanas" do que aos "erros"

Quando falamos da ideia de termos "pastas de avaliação" para cada criança, é importante deixar claro que elas vão conter principalmente **exemplos de "coisas boas"** que as crianças fizeram, muito mais do que ser um conjunto de "coisas erradas".

É importante falar disso porque todos nós nos acostumamos com um tipo de avaliação em que os erros eram mais valorizados do que os acertos, e não é fácil começar a pensar e a agir de forma diferente.

Duas professoras norte-americanas contam o que aconteceu quando elas começaram a praticar uma avaliação parecida com a sugerida aqui:

*Nós tivemos que treinar e constantemente lembrar a nós mesmas para olhar para o positivo, para aquilo que as crianças podiam fazer.*⁹

Na avaliação por portfólio, estamos em busca de elementos e de relatos que atestem competências e que apontem rumos para o desenvolvimento do potencial de cada criança.



A ideia das "pastas", ou "portfólios", na era digital

Um portfólio pode ser composto de diversos tipos de materiais, como textos, desenhos, fotos, relatos de atividades, comentários de outras pessoas, etc.

Na era da internet e de explosão do acesso aos "super lápis" (ideia apresentada na Discussão 19) cada dia fica mais fácil registrar novos tipos de materiais, como fotos, arquivos de áudio e de vídeo. A pasta – ou portfólio – de cada criança, no século XXI, deve incluir registros nessas linguagens.

Além disso, as possibilidades de acesso e de divulgação de registros de nossos portfólios aumentam enormemente.

Como diz David Niguidula, um especialista contemporâneo no tema, em um texto publicado em 2009:

*Os primeiros portfólios digitais rodavam em computadores individuais; agora, eles podem viver na Web e oferecer uma ligação entre casa e escola.*¹⁰

Essa é uma ideia importante: quando fazemos avaliação por portfólio, o que acontece fora da escola pode ser levando em conta na hora de comprovar aprendizagens e competências. O mesmo especialista completa o raciocínio:

*Cada vez mais, escolas estão permitindo que estudantes incluam trabalhos de fora da escola, e esse é um progresso bem vindo. **Escolas precisam reconhecer que o melhor trabalho de um(a) estudante pode não vir de dentro da classe, mas de um ensaio apaixonado escrito para um blog, ou que a melhor demonstração de espírito de liderança seja de um engajamento com um grupo em uma igreja.***¹¹

Mesmo que muitas de nossas crianças vivam em lares sem computadores, é possível que elas façam belos desenhos, que escrevam, que mostrem interesse por alguma história, por algum artista cujas músicas

9. Traduzido de: Jane Baskweil *Evaluation: whole language, whole child*. Nova Iorque: Scholastic, 1988, página 3.

10. Traduzido de: David Niguidula, "Digital portfolios and curriculum maps: linking teacher and student work", em: Jacobs, H.H. (ed.) *Curriculum 21: essential education for a changing world*. Alexandria (EUA): ASCD, 2009, página 154.

11. Idem, página 158.



conhecem de cor, etc. Todos esses elementos podem ser incorporados ao **processo de triagem** que dá origem a um portfólio.



Assim, o arquivo – ou **portfólio** – de cada criança conterà amostras de rabiscos, desenhos, relatos de coisas que ela fez ou disse, individualmente e, também, em colaboração com outras crianças.

Lisbeth Dixon-Krauss conta que podem ser feitas verdadeiras “conferências” para discutir as pastas, e ela mostra como uma análise de materiais recolhidos ao longo de meses pode nos indicar as “forças” e as maiores dificuldades de cada criança, em particular.

Em qualquer nível de ensino, esse processo de triagem é um dos elementos fundamentais da montagem de uma pasta de avaliação. David Niguidula, falando sobre a avaliação por portfólios no século XXI, resume:

*Em suma, é o processo de coletar, selecionar, e de refletir sobre o trabalho que torna um portfólio poderoso. O portfólio é uma representação do que estudantes sabem e são capazes de fazer, e a oportunidade de **apresentar esse trabalho para uma audiência** de colegas, pais e professores mostra que o mundo pode levar o seu trabalho a sério.¹²*



A análise do portfólio de uma criança torna muito mais fácil a tarefa de pensar em brincadeiras e atividades mais adequadas para essa criança.

Por exemplo, se uma criança começa a ler bem seu próprio nome, pode ser a hora dela começar a brincar de escrevê-lo, e também de tentar ler, e até ajudar outras crianças a ler outros nomes da chamada. Vamos falar mais sobre essa questão no próximo item.



Uma ideia simples como “fazer uma pasta para cada criança, com amostras do que ela fez; discutir e analisar seu conteúdo” já é capaz de substituir todo o sistema de avaliação – ou pelo menos pode servir para complementá-lo de forma mais eficiente e democrática.



Ajudando a construir a confiança – a força do “pensamento positivo”

Para prosseguir, vamos discutir um princípio importante e sensato, mas que constitui uma novidade em relação à visão tradicional da avaliação: a ideia, tão óbvia fora da escola, de que toda criança precisa de elogios e gosta de ser “avaliada positivamente”.

Crianças que só tiram “notas baixas” acabam se convencendo de sua incompetência e isso é péssimo para sua imagem de si próprias. Mas qualquer criança pode fazer alguma coisa bem e isso pode ser o ponto de partida para começar a recuperar sua confiança.

Para ajudar a recuperar a confiança de cada criança, podemos oferecer atividades simples em que ela possa ter sucesso, incentivar suas iniciativas – mesmo se tiverem “erros”. Coisas assim podem ajudar as crianças a se sentirem positivamente reconhecidas, e serão a base para conseguir melhores resultados de aprendizagem.



Aquilo que os outros dizem é importante para a criança. Se alguém a ofende, ela pode se lembrar disso; se alguém a elogia, ela poderá começar a reproduzir esses elogios em suas “conversas consigo mesma”.

Cada vez que uma criança recebe um elogio autêntico e incentivo está também recebendo experiências que a ajudarão a construir uma boa imagem de si mesma. Quando a professora diz, na frente dela ou conta para seus pais, coisas como “Ela é lenta” ou “Ela é preguiçosa”, está colocando rótulos que, se forem aceitos pela criança, poderão levá-la a ver-se como uma criança “burra” ou “atrasada”. Essa será uma opinião errada da criança sobre ela própria, e irá atrapalhar todo o seu desenvolvimento.

• Os perigos da Psicopedagogia e dos rótulos – A lamentável força do pensamento negativo:

Nos dias de hoje, existem muitos psicopedagogos e neurologistas fazendo diagnósticos apressados de “dislexia” ou “discalculia”, de “hiperatividade” ou “déficit de atenção” em crianças que, na imensa maioria dos casos, apenas não estão sendo bem estimuladas a ler, a escrever, etc.

Esses diagnósticos, em boa parte dos casos equivocados, acabam prejudicando terrivelmente as crianças e suas famílias. É preciso muito cuidado quando uma criança vai a uma consulta com um psicopedagogo, ou um fonoaudiólogo, ou a um psicólogo, ou um neurologista. É importante buscar

12. Idem, página 166, 167.



boas indicações sobre qualquer desses profissionais e, de preferência, conversar com essa pessoa e saber um pouco o que ela pensa.

É preciso muita atenção para **evitar os rótulos**, muitos deles acompanhados por medicação psiquiátrica, que destroem ainda mais a confiança de crianças que já estão se sentindo "atrasadas".

É preciso estar sempre alerta para o perigo de que uma criança seja rotulada negativamente, e vale a pena lembrar do aluno de Makarenko, vomitando sangue ao ser informado de que era "o último da sala"...



Com crianças de seis anos ou mais, você pode experimentar técnicas de "pensamento positivo", que fazem imenso sucesso entre os livros de "auto-ajuda". Por exemplo, você pode experimentar incluir em uma atividade de "relaxamento" (Discussão 14), frases como:

"Eu confio em mim... Posso fazer milhares de coisas que nem sei... Consigo cada vez mais usar todas as minhas capacidades para fazer o que quero... Sinto-me bem..."

Esse é apenas um exemplo de uma técnica de "pensamento positivo".

É lógico que apenas pensar positivamente não vai resolver nenhum problema concreto, mas é uma ótima maneira de mobilizar mais os imensos recursos de que cada criança dispõe, e ajudar cada uma a construir sua confiança.

Resumindo: Uma avaliação que se preocupa em apontar qualidades positivas em cada criança, junto com educadores que sabem da importância dos elogios, estará ajudando cada criança a se tornar mais confiante e mais disposta a aprender.



Talvez você esteja se perguntando: "Já que a prioridade é construir a confiança de cada criança, o que eu posso fazer com os erros que elas cometem?". Boa pergunta:

Mas o que fazer com os erros?

"Já que devemos elogiar as crianças, e ajudar cada uma a construir sua confiança, então não podemos nunca apontar seus erros, certo?"

Errado, e o modelo que os pedagogos indicam como exemplo é o da mãe que reage aos esforços da criança que tenta andar ou falar.

O que faz uma boa mãe quando uma criança começa a andar, ou a falar? Ela ajuda a criança, propõe sempre novas situações, dá incentivo quando ela cai ou gagueja, mostra interesse pelos esforços da criança, etc.

Uma boa educadora pode tentar agir de forma parecida, procurando acima de tudo fazer com que as crianças não desistam de experimentar.



Quanto aos **erros**, é lógico que podemos corrigi-los, mas cada situação exige uma análise sensata.

Por exemplo, se uma criança começa a rabiscar letras soltas, você não vai dizer "Está errado, corrija!". Agora, se uma criança de oito anos escreve uma palavra errada, você pode pedir que ela corrija e pode até sugerir que ela repita para si mesma a palavra e a imagine, em sua cabeça, letra por letra.

Conforme a situação e a idade de cada criança, o trabalho de "correção de erros" pode ser feito de forma gentil, respeitando acima de tudo a necessidade de que a criança mantenha o interesse em continuar tentando. Usando seu bom senso, você saberá quando os erros podem ser discutidos e apontados, e quando é melhor apenas elogiar a criança pelo esforço.



Muitas vezes, é a necessidade de se comunicar com os outros que acaba levando a uma revisão do que as crianças fazem.

Por exemplo, quando elas escrevem uma carta – real ou virtual – para alguém, elas vão querer que ela esteja "legível" e certa. É provável até que elas peçam para você corrigir. Mesmo nesses casos, vale a pena estimular as próprias crianças a pensar, discutir e fazer correções e, só depois de algum tempo e de muita discussão, fazer alguma correção que você ainda ache necessária.

Aliás, já vimos na Discussão 6 que a criança que comete "erros", quando começa a escrever, precisa principalmente não de alguém que diga: "Está errado"; mas de incentivo para que sua incrível inteligência continue funcionando e, assim, ela logo começará a escrever "cada vez mais certo".

É incrivelmente simples, mas é isso que acontece quando criamos as condições para que as crianças



"brinquem de ler e de escrever". Avaliar, nesse contexto, pode ser um processo de seleção de amostras bacanas da capacidade de produção de cada criança, em meio a um mundo de atividades produtivas e divertidas.



As ideias vistas brevemente nos itens anteriores, principalmente a de fazer "pastas" que possam testemunhar a evolução de cada criança, e também preocupar-se em que todas elas conheçam alguma forma de sucesso, nos permitem ter uma ideia de "como avaliar".

É claro que, nesse contexto, a avaliação não é feita apenas na hora das "provas", e qualquer momento "forte" da atividade infantil pode fornecer ótimos materiais que comprovam suas aprendizagens.

Mas não é preciso que você fique "obcecada" pela ideia de recolher materiais para a pasta das crianças, e essa atividade de "avaliação permanente" poderá ir se incorporando "naturalmente" ao seu dia a dia. Você verá que, ao longo do tempo, todas as crianças oferecem amostras que poderão retratar suas aprendizagens.

Mesmo assim, uma pergunta que precisa ser respondida é:

- "O que deve ser avaliado?"

Isso nos leva a nosso próximo item, o penúltimo de toda essa proposta:



O que avaliar?

Quando o assunto é a avaliação da educação elementar, quase todo mundo concorda que três objetivos clássicos continuam a estar entre as grandes prioridades. Ainda é válido falar sobre um "tripé" de objetivos classicamente atribuídos aos primeiros anos da escola:

"Na escola a criança deve aprender a **ler**, a **escrever** e a **contar**".

A ideia básica permanece a mesma em dois autores mais contemporâneos, que definem um pouco diferentemente a educação, ao falar sobre as áreas mais importantes do Ensino Fundamental, que ele chamam de os grandes *campos disciplinares*:

*A leitura, a produção escrita e a resolução de problemas.*¹³

O que muda, nessa e em tantas outras propostas, é o modo de alcançar e de avaliar esses objetivos.

Nós constatamos, dentro do *Projeto Araucária*, como pode ser fácil para as crianças aprender a ler, a escrever e a contar. E nós vimos como esses objetivos podem ser alcançados por crianças que também brincam, dançam, conversam, imaginam, aprendem a colaborar e a conhecer-se.

Todos esses quesitos, e não apenas os três objetivos "clássicos", podem e devem ser avaliados, em uma perspectiva de buscar evidências positivas e de jamais desistir de buscar o sucesso para todas as crianças.



Vejamos algumas ideias sobre como avaliar as aprendizagens. É claro que só faremos algumas sugestões, que de modo algum esgotam uma questão que vem sendo cada vez mais repensada e discutida, que é a do papel da avaliação nas aprendizagens básicas. Como todas as sugestões desta proposta, elas são feitas não como "receitas", mas como sugestões a serem experimentadas e adaptadas de acordo com a sua conveniência.

Veremos sugestões para fazer "fichas de avaliação" nas áreas da "linguagem escrita", "matemática", "ciências, história e geografia", "arte, criatividade e imaginação" e "socialização".



Começamos com algumas ideias para avaliar a evolução da linguagem escrita:

A linguagem escrita

De todas as áreas avaliadas, a linguagem escrita é uma das que mais preocupa os pais e a sociedade em geral. Se conseguirmos comprovar bons resultados nessa área, é muito fácil conquistar o apoio dos pais para o tipo de trabalho "divertido" desenvolvido com as crianças.

Mas como avaliar a aprendizagem da leitura e da escrita? Simples, se seguirmos uma ideia fundamental: **a aprendizagem começa quando a criança começa a brincar de ler e de escrever e, aos poucos, passa a fazê-lo de verdade.**

É só isso que precisa ser avaliado, pois a experiência prova que nenhuma criança que goste de brincar de ler e escrever se tornará analfabeta.

13. Traduzido de: Michel Fayol e Jean Marc Monteil. "Stratégies d'apprentissage / apprentissage de stratégies", em: *Revue Française de Pédagogie*, n. 106. Paris: INRP, 1994, página 92.



Com crianças que ainda não sabem ler e escrever, algumas perguntas básicas podem ser feitas:

- *A criança já brinca de ler e/ou de escrever?* (Por exemplo: "Participa da chamada; folheia livros infantis, assina seus desenhos com rabiscos".)
- *A criança já lê alguma coisa "de verdade"?* (Por exemplo: "Reconhece a etiqueta com seu nome e do melhor amigo; reconhece algumas palavras favoritas, escritas a seu pedido pela educadora; lê os nomes em embalagens de produtos e em propagandas".)
- *A criança já escreve "de verdade"?* (Por exemplo: "Ainda não, mas adora rabiscar bilhetes, assinar desenhos, etc.".)

Você pode até fazer uma **ficha** com essas perguntas, completando-as com exemplos. Aqui, nós demos exemplos de uma criança de quatro anos e meio, mas, conforme a idade e a criança, o conteúdo da ficha será bem diferente.



Com crianças mais velhas, que já sabem ler e começam a escrever cada vez mais, é importante acompanhar a evolução de coisas como:

- *Toma a iniciativa de ler por conta própria?*
- *Já escreve separando as palavras?*
- *Quais os erros de ortografia que ela mais comete?*
- Etc.

Quanto mais velhas as crianças, mais específicas podem ser as perguntas, e parece claro que uma avaliação desse tipo será útil mesmo para turmas com crianças de sete, oito anos ou bem mais.



A ficha para a "linguagem escrita" pode ser completada com **exemplos de escrita** produzida pela criança, tirados da sua pasta. Comparar esses exemplos, em um intervalo de dois ou três meses, pode dar uma excelente ideia da evolução de cada criança.



Finalmente, para completar uma avaliação da criança, podem ser feitos alguns "Comentários" sobre o ponto em que a criança se encontra, sua vontade de participar, etc., e uma reflexão sobre as "atividades que poderão ser especialmente úteis para desenvolver a capacidade de ler e de escrever dessa criança". Aqui, você e as pessoas com quem você discute poderão pensar sobre os tipos de jogos e de perguntas que podem fazer a criança avançar mais, sem tirar sua motivação.

Por exemplo: "Sugerir que ela tente ler mais nomes, na chamada; deixar que brinque mais com a velha máquina de escrever da sala; continuar incentivando as tentativas de assinar desenhos e histórias que ela inventa", etc.



Com uma "ficha" como a sugerida aqui – ou com outros modelos mais adequados ao seu caso, e que lhe agradem mais – você terá um ótimo instrumento resumindo as aprendizagens infantis nessa área.

Os pais podem ficar tão satisfeitos com essas fichas do que quando vêem os "boletins", instrumentos que podem ser relegados a um segundo plano, já que classificam as crianças por um critério único e incentivam muito cedo a inveja e um tipo de competição que exclui a cooperação entre as crianças, que é fundamental na Pedagogia moderna.



A Matemática

Além da leitura e da escrita, "ensinar Matemática" é uma das prioridades da educação elementar. Vejamos algumas ideias que, aqui também, estão longe de esgotar a questão. Cada local pode experimentar novas ideias e inventar novos tipos de "fichas" que possam testemunhar a evolução de cada criança:

Veja algumas perguntas importantes que podem ser feitas, para observar a evolução das crianças em relação à Matemática:

- *A criança já participa com prazer de atividades e de jogos matemáticos?* (Os jogos podem incluir coisas que vão desde as atividades de guardar brinquedos, participar do calendário, até jogar os



mais complexos jogos, em crianças mais velhas.)

- *A criança já consegue identificar, oralmente, quantidades e números?* (Importante em todo o começo do processo de aprendizagem: pode ser registrado se a criança já faz coisas como "acerta sempre o número em brincadeiras de contar nos dedos"; "faz atividades de comparação e contagem de pequenas quantidades de objetos", etc.)
- *A criança já brinca de falar, ler e de escrever números?* (A mesma ideia fundamental que é tão importante para a linguagem escrita: se uma criança começa a brincar com os números, a copiá-los, se tenta ler datas em cartas e jornais, tenta participar do "calendário", gosta de jogos de dados em que é preciso "escrever" o que está acontecendo, essa criança logo estará sabendo muita coisa sobre os números, se continuar brincando.)
- *A criança já descreve corretamente quantidades?* (Quando a criança brinca e se esforça para entender as situações matemáticas, logo começará a reconhecer as quantidades em pequenos conjuntos, ou representadas pelos números que ela lê e escreve.)
- *A criança já lê e escreve números corretamente?* (Aqui também, o que começa como brincadeira de fazer marcas e copiar números acaba com a apropriação, pela criança, da linguagem básica da Matemática. Esse item pode ser facilmente analisado por meio das produções infantis acumuladas em sua pasta.)
- *Que tipo de "continhas" a criança já é capaz de fazer?* (Com crianças muito pequenas, essa preocupação não existe, e as continhas são feitas mais como brincadeiras. Mas, quanto mais velhas, mais elas irão começar a entender as quatro operações, e vale a pena anotar ocasiões em que a criança é capaz de resolver qualquer tipo de conta.)



A "ficha" de avaliação de Matemática poderá ser completada com amostras, datadas, mostrando a evolução das tentativas de escrita da criança. Lembramos que cada "marquinha" que a criança faz, assim como cada "garrancho", deve ser visto como uma conquista, um pequeno passo na direção certa.



Qualquer local que desenvolver uma reflexão aprofundada sobre o ensino da Matemática poderá encontrar novas perguntas e novas formas de testemunhar a evolução das competências, em Matemática, de cada criança.

Por serem as fichas mais trabalhosas de se fazer, elas podem ser renovadas com uma periodicidade maior, de uns três meses, por exemplo.



Como, no caso da linguagem escrita, a ficha pode ser complementada com comentários sobre a participação da criança em atividades matemáticas e uma reflexão sobre os jogos e as atividades que ela já pode começar a conhecer, mesmo que, no começo, eles sejam um pouco difíceis.

Sem experimentar a sugestão, pode parecer difícil demais fazer "fichas de avaliação da Matemática" para cada criança. Mas, ao experimentar essa ideia, você verá que o dia a dia é rico em situações e materiais que podem ir sendo "pescados" e guardados no "arquivo" de cada criança.



As Ciências, História, Geografia

Pelo que foi visto ao longo dessas discussões, especialmente as de número **9** e **15**, fica claro que, mais do que se preocupar em trabalhar uma série de temas predefinidos, a sugestão é de aprofundar o estudo de assuntos que interessam especialmente às crianças, sejam eles sugeridos por elas ou por você. Assim, as crianças irão fazer perguntas, imaginar respostas, pesquisar informações que levem a novas respostas, mudar suas ideias, etc.

Do ponto de vista da ciência, tudo isso é muito mais importante do que apenas "decorar" nomes e fórmulas que não se sabe para que servem. Ou seja, todas essas atividades são excelentes para desenvolver competências e conhecimentos na área das ciências. Crianças que fazem perguntas, discutem, pesquisam e montam "relatórios" sobre suas pesquisas estão aprendendo ciência da forma mais eficiente, de forma ativa.

Afinal de contas, pesquisar e "construir" conhecimentos é muito mais importante do que apenas "decorar" e, por volta de 1580, Montaigne já reclamava:



*Não cessam de nos gritar aos ouvidos, como se por meio de um funil, o que nos querem ensinar, e o nosso trabalho consiste em repetir.*¹⁴



Crianças que só repetem as coisas não estão aprendendo Ciências (nem Geografia, nem História). Por isso, as perguntas que faremos ao tentar avaliar as atividades "científicas" das crianças procuram perceber suas atividades em relação aos temas que mais despertaram o interesse da sala, no período analisado.

Veja exemplos do tipo de perguntas que podem ser feitas:

- *A criança sugeriu algum tema para brincadeiras e pesquisas?*
- *A criança participou ativamente de alguma pesquisa com tema sugerido por você ou por outras crianças?*
- *Foram feitos passeios ou visitas?*
- *Algum assunto em destaque nos meios de comunicação interessou especialmente às crianças?*
- *A criança brincou de "dar aula" para os outros sobre algum assunto?*
- *Quais os conteúdos dos livros didáticos de "Ciências", "História" e "Geografia" que já foram discutidos com as crianças?*
- Etc.

Também podem ser anexadas cópias de materiais ou de "relatórios" feitos pela criança, individualmente ou em grupo, que atestam as atividades realizadas, e podem ser feitas reflexões sobre como alimentar a curiosidade de cada criança, perguntando coisas como: "Que perguntas eu posso fazer que podem estimular a curiosidade dessa criança?".



As "artes", a criatividade, a imaginação

Já vimos que, entre os principais objetivos dessa proposta, está o de que as crianças possam conhecer e praticar as mais diversas formas de expressão artística. A liberdade de movimento e o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e da sensibilidade artística são aspectos importantes no tipo de trabalho educativo sugerido aqui.

Mas o que pode ser avaliado, quando falamos de educação da sensibilidade e da capacidade de expressão artística? Mais uma vez, B. S. Bloom vem em nosso socorro, quando afirma:

*É bem possível que haja partes no programa escolar em que a igualdade de oportunidades possa ser preferível à igualdade de resultados.*¹⁵

Todas as crianças devem ter chances de conhecer e de praticar as mais variadas formas de expressão artística, mas não se deve "cobrar resultados" de nenhuma delas.

A melhor sala será aquela em que as obras infantis forem uma "surpresa" para você, e onde haverá muitas diferenças entre, por exemplo, o tipo de desenhos que cada criança faz.

Mesmo assim, existem algumas perguntas importantes que podem ser feitas, em uma "ficha de avaliação da arte, criatividade e imaginação". Veja alguns exemplos:

- *A criança gosta de se movimentar e de se expressar usando o corpo?*
- *A criança gosta das atividades de expressão gráfico-plástica?*
- *A criança demonstra sensibilidade para a música?*
- *A criança gosta de se expressar oralmente?*
- *A criança demonstra imaginação?*
- *Em que áreas a criança demonstra uma sensibilidade ou criatividade especial?*
- Etc.



Com exemplos anexados – que podem incluir desenhos, pinturas, textos, etc., – essa ficha irá servir muito mais para ver se as crianças estão participando de atividades ligadas à expressão artística, e **para ajudar a perceber coisas que a criança faz especialmente bem.**

14. Michel de Montaigne. *Ensaíos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989, página. 144.

15. Benjamim S. Bloom. *Características humanas e aprendizagem escolar*, página 223.



No caso da Arte, a comparação de materiais produzidos pela mesma criança, com um intervalo de alguns meses, pode mostrar claramente a evolução da criatividade da criança, e tornar-se um instrumento que comprova isso.

De modo algum trata-se de dar uma nota aos trabalhos artísticos, ou de escolher os melhores e piores artistas. O que se quer é que todas as crianças tenham a possibilidade de conhecer as múltiplas formas de expressão artística, como consumidores que ouvem músicas, apreciam quadros e esculturas e, também, se envolvem em atividades de criação de desenhos, pinturas, etc.



O crítico de arte Herbert Read, ajuda-nos a concluir, quando fala sobre a atividade de um artista:

Poder-se-ia dizer muito simplesmente que o artista ao pintar uma paisagem (e tal se aplica a qualquer obra que o artista faça) não deseja descrever a aparência da paisagem e sim dizer-nos algo a respeito.¹⁶

Se trocarmos a palavra "artista" por "criança", e se levarmos em conta que tanto a experiência da criança quanto a descoberta de suas possibilidades de expressão ainda estão se desenvolvendo, temos uma concepção da expressão infantil que deve nos fazer pensar duas vezes antes de criticar uma "obra" que a criança vem nos mostrar...



Para concluir essas sugestões de "fichas" que podem ser criadas, falta-nos apenas falar um pouco sobre a avaliação da "inteligência social" de cada criança:

As relações com os outros

As interações sociais são de importância fundamental nessa proposta e no pensamento pedagógico e psicológico moderno. Fazer algumas anotações sobre como a criança se relaciona com as outras pode ajudar a perceber aquelas que precisam de atenção especial e a ter uma visão mais profunda de como funciona esse mundo complexo que é uma sala cheia de crianças que, ao contrário do que acontece na escola tradicional, podem interagir.

Veja algumas perguntas básicas, que podem ser completadas, reformuladas, etc.:

- A criança gosta de brincar com os outros?
- A criança tem facilidade para cooperar com as outras?
- Em que atividades a criança cooperou com outras?
- A criança tem muitos amigos na sala?
- A criança participa facilmente de situações de diálogo?
- A criança respeita as regras?
- Ela participa das discussões sobre a criação de novas regras?
- Como é a minha relação com essa criança?
- Etc.

Esses exemplos de perguntas apenas ilustram a ideia de que é importante procurar envolver cada criança dentro da rede de interações sociais que pode ser uma boa sala "de aula". As perguntas podem ser completadas com exemplos de situações em que a criança "interagiu" especialmente bem com outras crianças.

Uma "avaliação", sem notas, da sociabilidade – ou da "inteligência social" – de cada criança pode ajudar a refletir sobre o que fazer para tornar as interações sociais ainda mais ricas e, conseqüentemente, aumentar a qualidade dos resultados educativos.



Assim, essas sugestões de avaliação podem dar uma ideia dos progressos de cada criança. Elas podem, e devem, ser modificadas, adaptadas, completadas ou simplificadas de acordo com as possibilidades de cada lugar e as preferências da cada pessoa.



Estamos chegando quase ao fim desta última discussão. Mas, antes de concluir, é preciso falar sobre um aspecto da avaliação que pode ter uma importância muito grande:

16. Herbert Read. *O sentido da arte*. São Paulo: Ibrasa, 1968 página 112.



A auto-avaliação, o maior objetivo da avaliação

De todos os objetivos da avaliação, um é especialmente importante: a capacidade de avaliar suas próprias aprendizagens. Uma especialista em avaliação afirma:

O objetivo principal do sistema de avaliação educacional deve ser treinar os alunos para que avaliem seus próprios progressos e seus próprios produtos. (...) Os alunos devem poder aprender a auto-avaliação a partir dos exemplos que encontram na escola.¹⁷

Vamos ver algumas ideias que podem nos ajudar a alcançar esse objetivo:

Envolver cada criança na criação de seu próprio portfólio, de sua própria pasta

Essa é uma ideia que vem ganhando cada vez mais importância e nos lembra do "Natal de Pestalozzi", que vimos há algumas páginas atrás.

Lisbeth Dixon-Krauss, que vimos há pouco sugerindo as "pastas" como instrumento central da avaliação diz que, quando esse recurso é usado:

Os próprios alunos se envolvem no processo de desenvolvimento de "portfólios".¹⁸

Ela conta o que aconteceu com o ensino da escrita, ao longo de um ano de experiência com essa forma de avaliar:

Os alunos coletavam artefatos que eles sentiam que representavam elementos significativos do desenvolvimento de sua própria alfabetização.¹⁹



Repetindo: As próprias crianças podem, e devem, envolver-se nos processos de coletar e de classificar, ao longo do ano, materiais que irão fazer parte da sua "pasta".

Com o tempo, isso poderá deixar cada vez mais fácil a sua tarefa de avaliação, permitirá que você preocupe-se menos em coletar material para as pastas e ajudará a tornar a sua avaliação complementar às auto-análises infantis.

Dixon-Krauss sugere que sejam feitas discussões em que as crianças falam sobre o conteúdo de suas pastas e veem os materiais apresentados e discutidos por outras crianças.

Depois de fazer uma experiência de avaliação dessas, com crianças de oito anos, Dixon-Krauss relata:

Lá pelo fim de um semestre de desenvolvimento de portfólios, elas haviam se tornado muito independentes e individuais em suas escolhas, chegando até ao ponto de perguntar-nos como era possível dar notas e classificar seus portfólios, já que não existe "certo" ou "errado" a respeito deles; essencialmente, elas definem para si mesmas como seus próprios portfólios devem ser.²⁰

Cada criança pode ter uma pasta em que irá selecionar e arquivar exemplos significativos, segundo ela própria, de suas atividades. A coleta e análise desses materiais poderá enriquecer muito sua capacidade de refletir sobre seus próprios processos de aprendizagem, desenvolvendo o que chamamos de "metacognição".



A capacidade de discutir e de avaliar sua própria educação – "o que eu quero aprender"

Principalmente com crianças acima dos seis anos, a análise de seus portfólios pode levar cada uma a perceber melhor o que está aprendendo, e onde tem dificuldades.

Isso pode ser excelente para que ela defina, junto com você, as áreas em que precisa aprender mais. Você pode dar ideias de brincadeiras e atividades que podem ajudá-la a alcançar seu objetivo, etc.

Por exemplo, se uma criança quer aprender a ler melhor, você pode sugerir que ela brinque com crianças que já lêem melhor, que ela preste mais atenção nas brincadeiras da chamada, etc.

Em todos os casos, envolver a criança na definição do que ela quer aprender pode ser de grande utilidade pois, como dizem dois especialistas em avaliação:

Parece evidente que professores e alunos perseguirão os objetivos com tanto mais convicção e compreensão quanto é certo que participaram de sua escolha e na sua formulação.²¹

17. Ruth Mitchell. *Testing for learning: how new approaches to evaluation can improve american schools*. Nova Iorque: Macmillan, 1992, página 19.

18. Traduzido de: Lisbeth Dixon-Krauss. *Vygotski in the classroom: mediated literacy instruction and assessment*, página. 163.

19. Idem, página 163.

20. Idem, página 169.

21. Viviane de Landsheere e Gilbert Landsheere. *Definir os objetivos da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1977, página 325.



Com crianças menores, o autoconhecimento pode ser estimulado com perguntas como, por exemplo:

- "Quais suas brincadeiras favoritas?"
- "Você acha que já está lendo e escrevendo? O que falta aprender?"
- "Você gosta de desenhar?"
- Etc

É claro que, com crianças pequenas, todo cuidado é pouco para preservar sua confiança e evitar que ela fique com a impressão de que "não sabe nada", e esse tipo de atividade deve ser feito com todo o cuidado.



Crianças que, desde a escola, se acostumam a analisar seus processos de aprendizagem e até a escolher o que querem aprender, estarão sendo muito melhor preparadas para o mundo de amanhã, onde a "formação permanente" fará cada vez mais parte da vida das pessoas.



Ajudando a criança a conversar consigo mesma – a "metacognição"

O "autoconhecimento" e a capacidade de "aprender a aprender" são objetivos muito citados em qualquer proposta educativa completa. Existe uma última ideia simples e importante que pode ajudar imensamente o desenvolvimento de processos de "aprender a aprender" de crianças de cinco anos para cima:

Preocupar-se em **conversar e fazer perguntas para a criança enquanto realizamos alguma atividade ou brincadeira com ela.**

Em um livro sobre alunos com "dificuldades de aprendizagem", três psicólogos falam sobre a importância de usar, com essas crianças, o que eles definem assim:

*Estratégias metacognitivas para provocar e desenvolver o discurso interior.*²²

Essa é uma grande ideia, mas o que é uma "estratégia metacognitiva"? Uma palavra tão complicada significa, na prática:

Conversar com a criança sobre a sua atividade e fazer perguntas para ela.

Mas que tipo de perguntas? Todas que possam levá-la a pensar e a se orientar em uma atividade ou brincadeira. Por exemplo:

- Em um jogo matemático ou em atividades de escrita, você pode fazer perguntas como: "Como você descobre se está certo?", etc.

Depois de algum tempo, se você faz perguntas como essa, verá que a própria criança começará a fazer sozinha essa pergunta. Outro exemplo de pergunta "metacognitiva":

- Se você percebe uma criança com dificuldade em alguma situação, pode dizer algo como: "O que é que nós precisamos, agora? O que será que é preciso fazer?"

Outro exemplo:

- Se uma criança de nove anos ainda "come letras" quando escreve, você pode tentar ajudá-la a fazer as coisas com mais calma. Em um caso desses, você pode tentar fazer com essa criança brincadeiras de "visualizar e dizer-se" a palavra, como mostramos na Discussão 17, e sugerir que a ela procure escrever com calma, devagar, tentando lembrar-se da "cara" da palavra.



Mas, será que fazer uma atividade junto com a criança poderá ajudá-la, mais tarde? É evidente que sim, e a teoria do grande psicólogo Vigotski nos ensina que:

"Aquilo que a criança faz hoje com a ajuda de outro, poderá fazer sozinha, amanhã".

Depois de fazer uma atividade de "conhecer a palavra" algumas vezes com você, a criança poderá começar a fazê-la "por conta própria", cada vez que encontrar uma palavra difícil.

Em vez de ser a sua "voz" que orienta o trabalho da criança, vai ser a "voz" interior da criança que fará isso. Mas essa voz, esse "discurso interior", aprendemos com Vigotski e com Bakhtin, carrega a marca de todos os diálogos com outros que a criança já viveu.

Avaliar, nessa concepção, é oferecer um sem fim de experiências que ajudam cada criança a construir

22. Traduzido de: Biza S. Kroese, Dave Dagnan e Konstantinos Loumidis. *Cognitive-behaviour therapy for people with learning disabilities*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1997, página 81.



boas "vozes" em seu diálogo interior, vozes que a acompanhem e a orientem positivamente ao longo da vida...



Resumindo

A função da avaliação não é dar notas e dividir a sala em "melhores e piores", mas nos ajudar a pensar em caminhos que facilitem a aprendizagem para cada criança, dentro de suas possibilidades e reconhecendo suas características peculiares.

A avaliação que serve só para "aprovar ou reprovar" não deveria ter lugar na escola elementar. Afinal, não é verdade que, na educação elementar, o objetivo deve ser que todas as crianças aprendam?

A avaliação pode contribuir para que isso aconteça, se for pensada como um instrumento que não apenas comprova as aprendizagens das crianças, mas também se torna um importante apoio para orientar o trabalho com cada uma delas, construir sua confiança e levá-las a conhecer-se cada vez melhor.

Uma ideia como a da "pasta" de cada criança permite envolver, cada vez mais, as crianças na seleção do material que será usado para "avaliar". Assim, cada uma pode começar a compreender melhor seus próprios processos de aprendizagem.

Praticar a avaliação permanente é uma forma de observar ainda mais atentamente as crianças, preocupando-se com o que elas já sabem e com o que podem aprender, achando os caminhos para que – perguntando, pesquisando, interagindo e brincando – elas aprendam sempre mais.

